

# EM FRENTE

CONTRACULTURA

Hipie // Tropicália // Punk // Hip Hop



MOVIMENTOS DE LUTA



# O QUE É CONTRACULTURA?

Nos anos 1960, os meios de comunicação de massa criaram um novo termo: contracultura. Naquele momento, os veículos midiáticos associaram os movimentos ao estilo de vestimentas, cabelo e músicas que seus adeptos utilizavam. Contudo, com o passar do tempo, ficou claro que essas manifestações não eram superficiais tais qual se imaginava.

A contracultura surge, portanto, para questionar os padrões sociais vigentes, promovendo contestação e negação de diversos aspectos tradicionais da cultura ocidental. De caráter libertário, os movimentos de contracultura tiveram como motor uma juventude urbana dotada de ideais que colocaram em xeque a estrutura social de seu tempo.

Apesar de seu estopim nos anos 1960, a atitude libertária e contestadora caminhava já na década de 1950 com a beat generation, que foi uma geração de poetas e escritores. Cansados do padrão de vida “quadrado” ocidental, os artistas buscavam uma ruptura com o famoso “american way of life” (estilo de vida americano).

Alguns anos depois, entre 1956 e 1968, tem-se o surgimento do rock ‘n’ roll, visto popularmente na figura do provocativo Elvis Presley, unindo um público jovem e motivado a expor a rebeldia e descontentamento com a música. Assim ficaram conhecidas as “gangs” que andavam de moto e vestiam jaquetas de couro, à moda James Dean.

Entretanto, os movimentos de contracultura da forma que conhecemos hoje, como o punk e o hippie, tiveram seu auge no final dos anos 1970 e 1960, quando já estruturados, delinearam sua filosofia, arte e estética.

O contexto político mundial favoreceu a efervescência dessas iniciativas, visto que a Guerra Fria (1947-1991) promovia diversos conflitos pelo globo. A Guerra do Vietnã (1955-1975) foi um dos fatores associados à expansão da contracultura, que era fortemente contrária aos confrontos armados.





A contracultura é, portanto, contestação, questionamento e oposição aos tabus e normas que dominam uma sociedade.

Os padrões do sistema, isto é, o Establishment, foram atacados pelos movimentos de contracultura, gerando ações contrárias não só às imposições das instituições – Estado, família e religião –, como também das regras e estéticas burguesas.

Dedicamos esta revista para os desconformados, os desajustados, os rebeldes. Aos que fogem do padrão. Aos que lutam, criam, se expressam e vivem a contracultura.

Esperamos que esse guia seja capaz de chamar a atenção e criar interesse em uma nova geração que não pôde vivenciar os movimentos culturais que buscamos explicar brevemente.

Porque aqueles que acreditam que podem mudar o mundo são os que de fato mudam.

SUMÁRIO		
HIPPIE		05
TROPICÁLIA		08
PUNK		11
HIP HOP		14

**“Não estou dizendo que vou mudar o mundo, mas garanto que vou ser a faísca no cérebro de quem mudará o mundo.”**

— Tupac Shakur

#### REDAÇÃO

Adriel Pavan  
Gabriel Delgado

#### PRODUÇÃO GRÁFICA

Gabriel Delgado

Trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social - Jornalismo  
ofertado pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista.

2022

# HIPPIE



No filme “Forrest Gump” (1994), ao retornar da Guerra do Vietnã, o protagonista Forrest Gump (interpretado por Tom Hanks) é conduzido a participar de uma manifestação hippie contra o confronto armado que participou. **A partir da máxima “paz e amor”, os hippies eram contrários à guerra e a favor de um modo de vida comunitário.**

Para Mara Jaqueline de Oliveira, socióloga e doutora em Artes pela Unicamp, ao citar as origens do movimento hippie, relata que “o contexto social de forma geral fomentou os movimentos contraculturais no período, sobretudo na Europa e EUA. A guerra, pauta política antidemocrática, pauta de costumes que cerceava as liberdades individuais”.

Ainda sobre o tema, ela descreve que “havia fome, havia angústia e os jovens iniciam um movimento de contestação ao sistema que gerava toda aquela situação. O movimento hippie gerou uma mudança de comportamento social e cultural, as mulheres passaram a exercer uma autonomia sobre seus corpos desde de questões como prazer, vestimenta até o controle reprodutivo através do uso da pílula anticoncepcional.”

O clima era de efervescência. Os anos 60, não somente nos Estados Unidos, como mundo afora, marcaram uma luta pelos direitos civis em um cenário de guerras. Os hippies idealizaram “paz e amor”. Concomitante a isso, nomes como Gandhi, Martin Luther King e Malcolm X travavam duras batalhas contra o sistema arcaico vigente.

As artes foram - e continuam sendo - um grande motor de representação de movimentos culturais.

Com o hippie, não foi diferente. Na música, é impossível deixar de mencionar os Beatles. Formado por John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr, o grupo foi um dos principais expoentes do rock e do hippie.

A canção “Imagine” (1971), de John Lennon, é uma grande referência dos diversos ideais pregados pelo hippie. Nela, é celebrado um mundo comunitário e sem conflitos, preconizando a união e respeito entre os indivíduos.

No cinema, o filme de Quentin Tarantino “Era Uma Vez... em Hollywood” (2019), representa os hippies de forma bastante relevante na produção. Com tons azulados e amarelados, a obra faz o espectador imergir na Los Angeles dos anos 60 marcada por filmes de faroeste, celebridades e hippies. Tarantino, ainda nos dias de hoje, mostra o quão impactante foi a presença desse movimento na sociedade da época, retratado, no filme em questão, por uma parcela radical e fortemente contrária aos padrões sociais costumeiros.

Assim como ocorre com diversos movimentos, é natural que, com o tempo, os ideais políticos e

filosóficos se alterem, promovendo uma diminuição e transferência de adeptos de uma iniciativa popular para outras. Com o hippie, Mara explica que “os movimentos culturais são frutos da dinâmica histórico-social. O panorama nacional e mundial atual é de uma guinada à direita, assim sendo, no que se refere à pauta política do movimento, diria que hoje está muito esvaziada.”

É impossível falar do movimento em questão sem mencionar o festival “Woodstock”, de 1969. Tendo ocorrido em Nova York, o evento reuniu nomes como Jimi Hendrix, Carlos Santana, Janis Joplin e The Who. Foram três dias de música pautados em uma ideia de juventude no mote antiguerra e de paz e amor.

HIPPIES EM SHOW NOS ANOS 1960

Foto por Paul Townsend



Já no Brasil, O “Festival de Águas Claras” conhecido como “Woodstock brasileira”, ocorreu em quatro edições, em 1975, 1981, 1983 e 1984. O evento teve a presença de diversos músicos brasileiros. As edições aconteceram na Fazenda Santa Virgínia, em Jacanga, São Paulo.

Contudo, ela descreve que “a moda, em grande medida, é um braço industrial que compõe o sistema capitalista cumprindo um papel importante na padronização de corpos e mentes. Do movimento Hippie ao Hip Hop, entre outros, ela segue eficiente nesse sentido. Dessa forma, percebe-se que o hippie, mesmo enfraquecido, deliberou mudanças impactantes na sociedade e costumes”.

Pacifistas durante protesto contra a Guerra do Vietnã 1967

Foto por Marc Riboud



Dentre os nomes que se apresentaram no festival, destacam-se Raul Seixas, Gilberto Gil, Luiz Gonzaga e Alceu Valença. Há um documentário que relata o evento, intitulado “O Barato de Iacanga”, dirigido por Thiago Mattar, em 2019.

Apesar da grande adesão, o movimento, da forma como era expandido, perdeu força com o tempo. A imagem dessa cultura sofreu fortemente após os assassinatos brutais cometidos em 1969 por Charles Manson e sua “família” contra a atriz Sharon Tate - que estava grávida - e quatro amigos que a acompanhavam. Como o grupo de Manson era tido como integrante da comunidade hippie, o movimento acabou tendo a imagem associada ao trágico evento.



MANSON, Charles Milles

RETRATO POLICIAL DE CHARLES MANSON

Foto de 16 de Agosto de 1969



FESTIVAL DE ÁGUAS CLARAS (IACANGA - SP)

Foto de Arquivo JC

Além disso, o fim da Guerra do Vietnã (1959-1975), que era a principal pauta que o movimento hippie combatia, fez com que seu motivo principal de vida deixasse de existir, contribuindo para o decréscimo de adeptos e dissipação dos membros. O hippie, portanto, tal qual como era, não mais nos rodeia. A filosofia, contudo, foi resguardada por diversos grupos posteriores, como o tropicalismo no Brasil.



HIPPIE

1. Janis Joplin
2. George Harrison
3. Carlos Santana
4. Jimi Hendrix

# TROPICÁLIA

Enquanto os EUA estavam voltados para a guerra do Vietnã e os jovens aderindo ao movimento hippie e à máxima de “paz e amor”, no Brasil, a cultura popular passava por uma reviravolta drástica com o golpe militar de 1964, quando o presidente democraticamente eleito, João Goulart, foi ultrapassado pelos militares.

Logo após assumir o poder, a ditadura militar censurou e suspendeu certos tipos de produção artística, em especial aquelas que consideravam possivelmente críticas ao novo regime.

Ao mesmo tempo que ocorria essa importante mudança política, o Rock norte americano começou a entrar no Brasil. Muitos artistas brasileiros, principalmente da MPB, estavam preocupados com a chegada do Rock ao Brasil, vendo-o como uma invasão da música estrangeira e uma ameaça à cultura brasileira. Essas pessoas também criticaram o papel do governo dos EUA no apoio à ditadura. Alguns artistas, como Gilberto Gil, até protestaram em uma marcha contra a guitarra elétrica, interpretada na época como um símbolo da cultura e imperialismo americano.

Foi nessa época que Caetano Veloso se apresentou no Festival Record de Música Popular Brasileira com a música “Alegria, Alegria”, a qual misturava ritmos brasileiros com o rock caracterizado pela guitarra elétrica. A performance chocou o público e Gilberto Gil, outro fundador do movimento, apoiou Caetano Veloso com uma versão em rock de sua música Domingo no Parque. Essas apresentações marcaram o início da Tropicália.

Apesar do quarto lugar na classificação do festival, a canção “Alegria, Alegria” sagrou-se vencedora pelo gosto da audiência. A música é uma referência à época em que a liberdade de expressão, cerceada por motivos políticos, era colocada em xeque pelas autoridades públicas.



## “Caminhando contra o vento Sem lenço e sem documento No Sol de quase dezembro Eu vou”

Trecho de “Alegria, Alegria” - 1968

É possível notar que “caminhar contra o vento” é, por si só, um ato contrário ao usual, isto é, algo considerado rebelde e insurgente. Por “sem documento”, infere-se que o compositor segue seu rumo, porém sem uma identidade definida. Há uma pluralidade de significados possíveis em “Alegria, Alegria”. O que não se pode negar, contudo, é a forte característica reativa que a arte viria a apresentar no Brasil, representada por canções, artes visuais, artes plásticas, poesias e outros tipos de manifestações.

Um princípio característico da Tropicália era a antropofagia, inspirada pelo poeta Oswald de Andrade em seu Manifesto Antropófago, publicado em 1928. Ela foi aperfeiçoada pelos tropicalistas na década de 1960. Tratava-se de um tipo de “canibalismo” cultural que encorajava a fusão de influências díspares, das quais poderia ser criado algo único.

Na literatura, o tropicalismo dialogou fortemente com o concretismo, o qual radicalizava as vanguardas no início do século XX. Nota-se essa referência por meio da música “Batmacumba”, composta por Gilberto Gil e Caetano Veloso:

**“batmacumbaiéié batmacumbaoba  
 batmacumbaiéié batmacumbao  
 batmacumbaiéié batmacumba  
 batmacumbaiéié batmacum  
 batmacumbaiéié batman  
 batmacumbaiéié bat  
 batmacumbaiéié ba  
 batmacumbaiéié  
 batmacumbaié  
 batmacumba  
 batmacum  
 batman  
 bat  
 ba  
 bat  
 batman  
 batmacum  
 batmacumba  
 batmacumbaié  
 batmacumbaiéié  
 batmacumbaiéié ba  
 batmacumbaiéié bat  
 batmacumbaiéié batman  
 batmacumbaiéié batmacum  
 batmacumbaiéié batmacumbao  
 batmacumbaiéié batmacumbaoba”**



CAPA DO CD TROPICÁLIA OU PANIS AT CIRCENCES

Projetada por Rubens Gerchman

A música mescla os ideais poéticos concretos e da cultura popular brasileira, a partir de palavras como “ié ié” e “macumba”, por exemplo.

Outro expoente do tropicalismo no Brasil é Tom Zé. O cantor e compositor tornou-se bastante popular durante a década de 1960 da Tropicália. No ano de 1968, o músico garantiu a quarta posição no Festival de Música Popular Brasileira da TV Record com a faixa “São Paulo, Meu Amor”. Com estilo alternativo (rock experimental), Tom influenciou diversos artistas da época por sua irreverência e improvisações no palco - daí sua veia tropicalista.

A apresentação dos “Mutantes” de 1969 representou o início do “pós-tropicalismo”, o qual possuía uma filosofia ainda mais radical e bastante associada ao hippie.

Ainda influenciados por Caetano, Gil e outros expoentes do tropicalismo, seus sucessores expandiram o movimento com uma postura mais agressiva. O tropicalismo acabou sufocado pela ditadura militar após cerca de um ano do Festival Record, com a prisão de Gil e Caetano, em 1968.

Eles foram presos sem acusação, mantidos em confinamento por meses e finalmente exilados para a Inglaterra até o início da década de 1970, quando foram autorizados a retornar ao Brasil.

O tropicalismo tornou-se um grito de liberdade em meio a uma cultura repressiva manipulada pelo regime mais tirânico da história do Brasil. Mas esse grito durou apenas um ano antes de ser reprimido pela ditadura militar. Ainda assim, sua curta vida teve efeitos permanentes na cultura brasileira e deu início a parte da contracultura que atuou militando até o fim da ditadura.



CAETANO VELOSO NO FESTIVAL DE MÚSICA BRASILEIRA

Foto de Jornal da USP



OS MUTANTES

Foto de Contestasom



TROPICÁLIA

1. Caetano Veloso
2. Gilberto Gil
3. Gal Costa
4. Tom Zé

# PUNK

Dentre os movimentos de contracultura que o mundo já presenciou, é impossível deixar de mencionar a cultura punk. Tendo ganhado relevância nos anos 70 em Nova York nos Estados Unidos, fruto da iniciativa jovem e com elementos ligados ao rock and roll, o punk representa diversão, rebeldia e reação aos padrões sociais estabelecidos.

Segundo o dicionário Cambridge, o punk é uma **“cultura popular jovem que envolve oposição por meio de comportamentos e roupas chocantes, cabelo característico e música alta”**.

O movimento, na música, teve bandas como Sex Pistols, Ramones, The Clash, Bad Brains, Minor Threat, Discharge, Black Flag, Misfits e New York Dolls.

A canção “Blitzkrieg Bop”, do grupo Ramones, é um grande exemplo da ideologia punk. A filosofia do-it-yourself (faça você mesmo) foi explorada por Dee Dee Ramone, que, em entrevista, afirmou que a música convida jovens a montarem uma banda e serem combativos. Não há como ouvir o início “hey!, oh!, let’s go!” e não ser impactado pela simplicidade e sonoridade da música.

A guitarra distorcida, o vocal rasgado, o andamento acelerado e a energia de sobra nos palcos fizeram com que as bandas dessa época se tornassem extremamente relevantes para o cenário musical do período. Tal força teve como consequência diversos impactos políticos e culturais.

Para o professor Tiago de Jesus Vieira, docente de História pela Universidade Estadual de Goiás, o “punk e os demais movimentos contraculturais impactaram as sociedades por meio de sua capacidade de intervenção contestadora, promovendo, por sua vez, uma série de incursões culturais, sociais e políticas.”



Segundo Tiago, “ainda na década de 1960, já havia jovens nos Estados Unidos que produziam uma musicalidade pautada na estética minimal, permitindo o aparecimento, no início da década seguinte, de bandas como os Ramones. Contudo, é indiscutível que fora na Inglaterra, no final dos anos 1970, que o punk se tornou um grande fenômeno juvenil, vinculado, sobretudo, a premissa contestadora, num contexto marcado pela desindustrialização e consequente desemprego, que afetaram principalmente os jovens.”

O professor destaca a função do punk, que foi, “naquele momento, a principal ‘ferramenta’ para externalizar a revolta daquela juventude, contra um mundo no qual eles não se sentiam representados. Portanto, toda e qualquer autoridade deveria e merecia ser questionada, do público ao privado”.

SEX PISTOLS, GOD SAVE THE QUEEN

Arte por Jamie Reid



Acerca da recepção do movimento punk no Brasil, o professor Tiago discorre que “as informações acerca do punk chegaram no Brasil muito rapidamente, no entanto, estas eram poucas, bem diversificadas e pouco esclarecedoras. Havia-se nesse momento uma vaga ideia do que era ‘ser punk’, muito pautada no sentimento de pertencimento musical.”

Diferentemente dos Estados Unidos e Reino Unido, no qual o movimento era ligado à classe trabalhadora jovem, no Brasil o punk foi “configurando-se, primordialmente, como um movimento de insubordinação dos jovens pobres, feito e pensado a partir dos dilemas desses jovens pobres”, diz o professor. “Desta forma, o punk proporcionou para eles inserção social, cultural e política”, continua. É relevante ressaltar que, para Tiago, “o punk no Brasil foi muito mais forte do que na Inglaterra, porque aqui ele enfrentou a ditadura militar e seus dilemas.”

Com o passar dos anos, as características mais visuais (moda e comportamento) dos movimentos contraculturais tendem a se dispersar, isto é, perderem o seu espaço no meio cultural e tornarem-se uma cultura, ou ideologia, cada vez mais nichada. O movimento punk teve seu auge na década de 1970 e, como manobra do capitalismo, passou a ser fagocitado e comercializado, principalmente no contexto de vestuário.

Com as botas coturnos, jaqueta de couro, calças rasgadas e roupas estilizadas a mão, no estilo “faça você mesmo”, a estética punk beneficiou algumas figuras que até hoje são reconhecidas no meio da moda, sendo a principal delas Vivienne Westwood. No período de crescente do movimento, a estilista britânica abriu, com seu ex-marido Malcon McLaren, sua loja de roupas.



A LOJA SEX, NA KING'S ROAD EM LONDRES

Foto por Mirrorpix

A Sex foi a primeira boutique de moda punk do mundo, com o intuito de transparecer a natureza transgressiva e anárquica do movimento, esse estilo de roupas ganhou força no Reino Unido, principalmente em Londres. Parte da estética estava além do vestuário, o comportamento era imprescindível, a crítica do movimento era política e dentre as pautas havia também a transgressão de

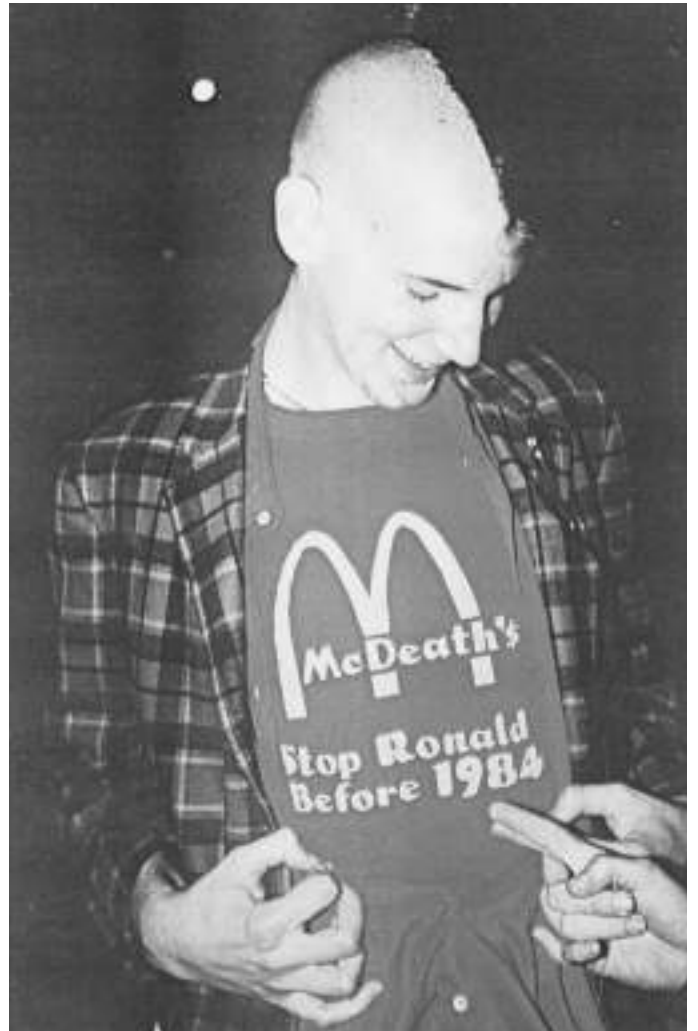
estimular visuais diferentes do usual, onde até os cabelos curtos para as mulheres eram parte do manifesto, pois diferenciavam-se dos cabelos longos dos hippies.

Segundo Thiago, atualmente “os punks também se reinventaram a fim de combater essa assimilação, constantemente procurando novos modos de interpelação cultural, social, política e artística. Nesse sentido, embora a revolta e agressividade dos punks permaneça, noto que os punks, cada vez mais, têm procurado outras formas de atuação visando resistir ao ‘sistema’”.

Várias subculturas se desenvolveram a partir do punk, como o anarco-punk (promovem políticas anarquistas), hardcore punk (com músicas mais rápidas e agressivas do que outras formas de punk) e horror punk (influenciado por filmes de

terror e cultura gótica). Essas subculturas se distinguem por sonoridade e meio de expressão originário da cultura punk.

A cerca da sobrevivência do punk nos dias de hoje, o docente aponta que “enquanto houver jovens se rebelando e questionando a estrutura vigente, o punk estará de alguma forma vivo.”



**FER YOUz : THE LOS ANGELES HARDCORE ARCHIVE**

Foto por Brian e Nikki Tucker



**PUNK**

1. Sid Vicious
2. Joey Ramone
3. Ian MacKaye
4. Glenn Danzig

# HIP HOP

Dentre todos os movimentos citados anteriormente, o mais perceptível e notório na sociedade atual é o Hip Hop. Este que começou como um movimento e tornou-se uma cultura em constante adaptação às tendências das novas gerações.

**“Rap é algo que se faz,  
Hip Hop é algo que se  
vive.”**

— KRS-One



A questão do Hip Hop ser um movimento ou uma cultura é muito discutida pelos adeptos da causa, o Hip Hop começou a ganhar as suas características conhecidas em 1973, no Bronx, bairro de Nova Iorque, que possuía uma característica diferenciada de ser um gueto de ocupação, deixado à margem da cidade e de população majoritariamente negra e latina.

Neste contexto multétnico, a cultura que vai se criando é uma cultura de troca, onde cada etnia carrega e agrega com uma parte de seus ritmos, danças e expressões artísticas. A partir dessa mistura de culturas, surgiu uma expressão diferente, que também passou a ser vista no Brooklyn e no Harlem, mas teve inicialmente o Bronx como bairro de maior expressividade.

Os ritmos tocados pela juventude moradora do bairro e de origem jamaicana, foram implementados em produções musicais primeiramente pelo DJ Kool Herc, posteriormente outros nomes também aderiram a prática como Afrika Bambaataa e DJs Grand Master Flash e Grand Wizard. Elementos de outras culturas também foram incorporados nas músicas, em 1980, Soul Sonic Force e Bambaataa ao remixar uma música eletrônica do grupo alemão Kraftwerk criaram “Planet Rock”, a faixa que revolucionou a produção musical da época.

A base da música do movimento Hip Hop é o sample (diferente do remix, é um recorte de um trecho de determinada música, usado para criar uma nova melodia, dando outra visão a um som mais antigo). Quando Grandmaster Flash & Kool Herc começaram a tocar na década de 1970, eles tocavam principalmente as partes mais populares do disco, e como ainda não existiam as baterias que são popularmente conhecidas no Rap, eram utilizados samples de Funk, sendo James Brown o principal artista tocado, com o tempo o ritmo do Rap foi incorporando outros elementos e dando origem a um gênero totalmente diferente.

O Hip Hop, na época, era uma busca dos moradores do Bronx reivindicando as ruas, exigindo seu direito à cidade. As gangues dominavam os bairros periféricos de Nova Iorque, questões de violência e sexismo eram frequentes na época, no entanto, ainda era um movimento baseado na cidade que permitiu - e ainda permite - a diferentes grupos de pessoas reivindicarem seus direitos à sua cidade, e foi esse ato que acabaria por contribuir que a guerra saísse das ruas e passasse para a arte (rima, dança, grafitti e música) buscando diminuir os conflitos.

DJ Kool Herc e outros DJs começaram a dar festas em ambientes abertos, como parques e nas ruas, essas festas se originam espontaneamente geralmente com o DJ conectando os equipamentos às lâmpadas de rua e se a população que estava ao redor gostasse do som, eles se aproximavam para participar e de repente uma festa estava em andamento.

É válido lembrar que todos esses jovens eram filhos e filhas da geração hippie, portanto a música que eles estavam ouvindo refletia isso, então é possível dizer que o movimento Hippie afetou a geração do Hip Hop. Grande parte da geração pioneira do movimento ainda ouvia e era influenciada pelo rock, negros, brancos, latinos, a ideia de que todos estavam divididos não era realmente verdade, era uma mistura de elementos culturais.

GANGUE DO SOUTH BRONX NOS ANOS 1970

Foto por Perry Kretz



Quatro manifestações artísticas são a base da cultura Hip Hop: DJ ou Disc-Jockey (primeiramente responsável pela seleção de faixas tocadas na festa e posteriormente criadores das batidas e ritmos do Rap), MC ou mestre de cerimônias (o emissor da mensagem, também conhecido como rapper), Break (surgiu como uma dança relacionada com a imposição de poder das gangues com passos originários de lutas marciais,

como o Kung-Fu, e representações de protestos contra a guerra do Vietnã, atualmente é uma dança de prática recreativa) e o graffiti (pinturas de tinta spray feitas em muros, trens e prédios originalmente como marcação de território de gangues). Juntos o DJ e o MC formam a estrutura base para o estilo musical Rap.

Em um primeiro momento as festas eram apenas sinônimo de entretenimento, apenas anos depois que o Rap apresenta um tom mais politizado. Essa nova perspectiva do som ia de encontro ao primeiro momento de caráter mais pacifista proposto por Bambaataa. O principal expoente do Rap político foi o Public Enemy, grupo que representou uma possibilidade de experimentação sonora e principalmente de luta antirracismo e de desigualdades sociais através da música.



CHARLOTTE STREET NO SOUTH BRONX

Foto por Joe Conzo, Jr.

Durante as décadas de 1980 e início dos anos 1990, o Hip Hop se espalhou assustadoramente através do Rap, passando a ser um dos gêneros musicais mais escutados da época, ocupando espaços de mídias como rádios e televisão. Esse foi um ponto de virada para o movimento em questões de diversidade, influência e inovação. A associação de gangues com o movimento voltou a ganhar força com o surgimento do Gangsta Rap,

um subgênero do Rap da década de 1980 em que os MCs expressavam a emoção e o cotidiano de pessoas marginalizadas, ignoradas e constantemente reprimidas pela sociedade.



FESTA DO THIRD AVENUE HUB EM 1981

Foto por Joe Conzo, Jr.

Os principais expoentes do Gangsta Rap foram Ice-T e N.W.A. com membros supostamente associados com as gangues Bloods e Crips de Compton na Califórnia, Estados Unidos. As letras das músicas refletiam os sintomas dos diversos delitos de violência policial que foram cometidos contra negros em bairros carentes, principalmente o caso de Rodney King, jovem espancado por policiais de Los Angeles em 1991 que teve a agressão filmada e divulgada nos noticiários.

No Brasil, o Hip Hop ganhou espaço no final da década de 1980, em São Paulo os primeiros rappers surgiram de equipes de breakdance sendo a Estação São Bento o espaço mais relevante para o movimento no Brasil. Musicalmente os pioneiros do Rap no Brasil foram Thaíde e DJ Hum, abrindo espaço para uma nova geração de artistas que se tornaram ícones do movimento como Sabotage, Facção Central, 509-E e Racionais MCs.

Com o tempo outros movimentos são agregados ao Hip Hop onde questões políticas são levantadas e abraçadas como causas de luta (sociais, econômicas e raciais) e alcançaram novos patamares e novos públicos ao serem potencializadas pelos diversos elementos do Hip Hop, o que dificulta a explicação do que o movimento busca precisamente, pois não há uma pauta única e sim uma gama diversa de reivindicações que utilizam o Hip Hop como meio de expressão, de desconstrução, visibilidade e voz.



**HIP HOP**

1. DJ Kool Herc
2. Afrika Bambaataa
3. Chuck D
4. Ice Cube e Ice-T

